



A ARQUITETA COZINHEIRA

Sofia Raimundo, 45 anos, casada e com dois filhos, não foi feliz na Arquitetura. Fartou-se de estudar e de trabalhar para ser uma arquiteta excepcional. Fez o mestrado, pós-graduações e especializações. Mas não era por aqui. A Arquitetura nunca lhe deu nada de importante. Bem pelo contrário: roubou-lhe a paz, a tranquilidade e, como nos diz, a serenidade. No meio de tantas contrariedades, decidiu parar e pensar no futuro. Foi então que um facto revolucionou a vida de Sofia. "Eu gosto de cozinhar. A cozinha dá-me prazer", constatou. Podia ter passado superficialmente sobre este movimento de alma. Mas não: refletiu sobre ele. E repetia para si: "Eu gosto de cozinhar, cozinho bem, o meu marido e os amigos também gostam do que faço. Será que isto não tem nenhum significado na minha vida?" O facto de o seu pai ter uma loja de cozinhas montada para a rua também terá sido importante, mas o mais importante foi a vontade de mudar. "Eu não estava realizada na minha profissão e pensei: 'Bom, se não for agora, nunca mais conseguirei dar uma volta à vida.'" Depois de transformar a antiga loja do pai num restaurante muito especial – a minha gula, como lhe chama –, Sofia deixa a Arquitetura e começa a cozinhar. Na cozinha, descobre os ingredientes para uma vida com mais sentido: está mais próxima das pessoas, participa no bem-estar de tantas outras, facilitando-lhes a vida, e até já foi casamenteira. E fica triste quando tem de dizer às pessoas: "Não, não vale a pena entrar, já não há comida."



A ESCULTORA QUE SE TRANSFORMOU EM PADEIRA

Ana Meno, 28 anos, é licenciada, mestre e doutoranda em Escultura e dá aulas na Escola de Belas-Artes, em Lisboa. Mas, apesar do currículo, a Escultura não lhe deu o pão nosso de cada dia. Mudar de ponto de vista era a alternativa para a sobrevivência. Ligada a Penha Garcia, aldeia histórica no distrito de Castelo Branco, Ana Meno descobre lá no cimo da aldeia, perto do Castelo, um forno comunitário, com séculos de existência, mas agora de portas trancadas. Olha o forno e deixa-se invadir pela intuição: pode estar aqui um pedaço do seu futuro. Amassar o pão é esculpir. Porque não, então, falar com a tia Alice, a última forneira, e perguntar-lhe pelas receitas, arregaçar as mangas e começar aqui em Penha Garcia? E assim foi... Ana Meno deixa Lisboa e, aos 28 anos, parte, na companhia da mãe, para uma aldeia onde agora vive. De quinta a domingo, é padeira. Abre o forno, amassa o pão, confeciona as antigas receitas. De segunda a quinta-feira, a padeira vira escultora. Conseguiu uma casa a preços razoáveis onde montou o seu ateliê. "Em Lisboa, seria impossível conseguir uma casa com estas dimensões para fazer escultura. A escultura exige espaço", diz-nos. Ora, é justamente nesta casa que pensa, esculpe, prepara as aulas e desenha o seu novo plano de negócios, que consiste em comercializar produtos da região de Idanha-a-Nova para o país e para o mundo. Em Penha Garcia, os mais velhos não compreendem como veio a talentosa menina de Lisboa parar a uma terra bonita mas desertificada, embora cheia de potencial turístico. Ana Meno responde tranquilamente: "Estou em Penha Garcia porque é aqui que vou conseguir ser escultora."



DE DIRETORA DE MARKETING A RECECIONISTA

Reinventate. Esta palavra é tão mágica que **Ana Sofia Franco**, 41 anos, transformou-a num projeto empresarial de consultoria que ajuda as pessoas a mudar, ao qual dedica toda a sua vontade e energia. A ideia nasceu do desespero, da tristeza que assolou a sua vida, quando, depois de uma carreira brilhante, como diretora de marketing de várias grandes empresas portuguesas, foi despedida em menos de 24 horas. Em simultâneo, morre o pai e chega, também inesperadamente, um divórcio. Começa, na vida de Ana Sofia, um longo e espinhoso deserto. Uma amiga, médica, homeopata, desafia-a a ocupar o lugar de rececionista no seu consultório. Ana Sofia Franco aceita. Até que o seu projeto se implante no mercado tem de trabalhar onde for preciso. E, de repente, dá consigo a gostar muito do que faz. É então que trava consigo um grande debate e as perguntas caem pela inteligência dentro: "Tenho de mudar, mas mudar o quê? Tenho de procurar a minha vocação, mas como? O que é que sei fazer bem? O que gosto verdadeiramente de fazer?" As grandes ideias nascem sempre da nossa circunstância, explica-nos. "É preciso aproveitá-las e colocá-las ao serviço da transformação que temos de operar. O amor, essa expressão poderosa da existência, faz o resto. Fazer com amor, pensar com amor, agir com amor", eis as ferramentas principais de Reinventa-te. Ora, se esta palavra foi, é e será tão fundamental na vida de Ana Sofia Franco como poderá não ser igualmente importante na vida de todos nós? Reinventa-te, reinvente-se, reinventemo-nos. Sim, é aqui que está a solução.